

A sintaxe da Grammatica
Charlotte Galves, IEL-UNICAMP♦

A parte dedicada à Sintaxe na *Grammatica da lingoagem portuguesa* consiste num só capítulo, o quadragésimo nono e penúltimo da obra, que ocupa pouco mais de uma página num total de setenta e quatro. A razão dessa pouca importância aparentemente dada ao assunto é explicitada pelo autor:¹

Nesta derradeira parte, que é da construção ou composição da língua, não dizemos mais, porque temos começada, hũa obra em que particularmente e com mais comprimento falamos della. [74, 22-24]

Remeto a Duarte (neste volume) para uma análise exaustiva e perspicaz do teor do capítulo 49, articulando-o com outras partes da *Grammatica* que, do nosso ponto de vista moderno, são relevantes para a teoria sintática, como a concepção do caso desenvolvida nas partes dedicadas à Morfologia.²

Não sabemos se a obra prometida chegou a ser escrita por Fernão de Oliveira. Talvez a sua multiplicidade de interesses, que se traduziu em numerosos tratados, não lhe tenha deixado tempo para isso. Ou talvez tenha se perdido, e reapareça um dia, num vão de casa antiga, ou no meio de manuscritos esquecidos. Enquanto isso não acontece, proponho que olhemos para a própria sintaxe do autor, como reflexo do que seria, nesse nível, *o bom costume*, que certamente ele deve ter adotado na sua *Grammatica* ‘para que outros muitos aprendam e saibam quanto prima é a natureza dos nossos homens’ [3,12-14].

Para tanto, adotarei um ponto de vista comparativo. Na primeira Seção, buscarei avaliar o peso na obra dos arcaísmos – ou seja dos traços representativos da gramática do português arcaico, em comparação com autores contemporâneos. Na segunda Seção, situarei a sintaxe de Fernão de Oliveira no âmbito do chamado português clássico, trazendo estudos recentes sobre esse período, com base no *Corpus do português histórico Tycho Brahe*.³

♦ Esta pesquisa foi parcialmente financiada pelo CNPq, processo 303421/2004-5 e pela Fapesp, processo 04/03643-0.

¹ As citações do livro remetem à edição de Amadeu Torres e Carlos Assunção, na versão modernizada, mas com as páginas da obra original, seguindo o procedimento dessa mesma edição.

² Deve-se notar que essa relação não passou despercebida ao autor da *Grammatica*, uma vez que a questão do caso também faz parte daquelas que serão tratadas posteriormente, junto com a composição (cf. p. 62, 10-13): **A diferença que têm os casos dos artigos é que no primeiro caso a que os latinos chamam nominativo e nós lhe podemos chamar prepositivo, polla razão que daremos quando faláremos da natureza dos casos e da composição da língua, mas não nesta obra;**

³ O Corpus Tycho Brahe é um Corpus eletrônico anotado que reúne textos de escritores de língua portuguesa nascidos entre 1380 e 1845 (cf. <http://www.ime.usp.br/~tycho/corpus>)

I. Os arcaísmos:

Na periodização tradicional do português, o séc. 16 é aquele que constitui a fronteira entre português arcaico e português clássico (cf. Mattos e Silva, 1994, Mira Mateus 2003 e Castro 2006, entre outros).⁴ Isso porque é nas obras escritas nesse século que se constata o desaparecimento definitivo de traços linguísticos específicos do primeiro. É também porque é o século em que se inicia a tarefa da gramaticização da língua. Ora a obra que nos interessa aqui é aquela que inaugura esse processo. É portanto natural verificar até que ponto a sua sintaxe guarda vestígios da gramática antiga. Ao fazer isso, procurarei, quando possível, ir além da superficialidade das construções e procurar as estruturas sub-jacentes correspondentes. Uma questão aberta, e que não terei condições de esclarecer a contento neste capítulo, é o quanto aparentes arcaísmos são de fato regionalismos do autor, ou seja fazem parte de um dialeto que mantém traços que o dialeto da capital já perdeu há muito. Sabemos que Fernão de Oliveira é de Aveiro, província da Beira, e estudou em Évora. Sabemos também que ele considera muito natural a diversidade linguística, tanto geográfica quanto histórica:

Porque os da Beira têm huas falas e os d'Alentejo outras. E os homens da Estremadura são diferentes dos d'Antre Douro e Minho, porque assim como os tempos, assi também as terras criam diversas condições e conceitos. [52, 22-25]

São vários os casos em que ele menciona variações dialetais. A respeito da pronúncia do 1ª pessoa do verbo 'ser', ele traz os diversos usos, e sua experiência da 'zombaria ... dos da terra' do Alentejo quando ele usava a forma 'som', como 'o aprendera na Beira'. O aspecto conservador do dialeto da Beira é referido nas seguintes linhas:

E também se este verbo *nego* servia em lugar de conjunção e valia antr'os velhos tanto como *senão* e aind'agora assi val na Beira; [74, 8-9]

Podemos portanto fazer a hipótese de que alguns dos traços arcaizantes que encontramos na *Grammatica*, mais do que uma preocupação em seguir padrões antigos, derivam do dialeto do seu autor. Não tenho condições de comprovar essa hipótese, mas fica como uma indagação a ser trabalhada futuramente, no quadro de uma dialetologia histórica portuguesa. Mostrarei que outros desses traços são amplamente compartilhados pelos autores do seu tempo. Enfim, alguns, quando examinados mais em detalhe, se revelarão parte da gramática clássica.

1. *a cliticização do determinante no verbo*

Um traço reminiscente do português antigo muito recorrente na *Grammatica* é a cliticização do artigo definido à palavra que o antecede: verbo ou pronome.

1. Também nesses verbos, quando depois das pessoas que acabam em s vem logo artigo **mudamo-lo s** em l, [31, 6-8]

⁴ Para uma problematização dessa concepção tradicional, cf. Galves, Namiuti e Paixão de Sousa (2006)

2. este averbio, digo, alguns o pronunciam conforme ao costume da nossa língua que é amiga d' **abri-la boca**; [47, 12-13]
3. pois Quintiliano no primeiro livro confessa que os latinos usavam de vocabolos emprestados quando **lhos seus faltavam**, [41, 20-21]

Esse fenômeno é paralelo à cliticização dos pronomes clíticos, que além de se afixarem ao verbo também se amalgamam ao pronome ou negação que os precede

4. **No-la** havemos mester na nossa língua [17, 28]
5. Estes nomes eu **não nos** pronunciaria desta forma (33, 27-28)

É interessante notar que, além de ser instanciado no texto, esse fenômeno é tematizado na *Grammatica*, como um fenômeno fonético de natureza acentual:

Pois as consoantes antre si também se mudam h̃uas em outras, como amararano seu Deos por amaram o seu Deus ...pulla mão por pus a mão. [25, 23-27] ... querem-no bem por querem o bem, onde o artigo se mete debaixo do acento da dição precedente [35, 9-11]

O comportamento paralelo dos clíticos e dos artigos é explicitamente assumido por Fernão de Oliveira como decorrendo de uma identidade categorial entre esses dois elementos (cf. Duarte, este volume). A respeito das contrações dos artigos com preposições, o autor diz:

E não somente estas e outras composições se fazem com os artigos; mas também antreposições muitas vezes, como di-lo-emos por diremos o, ama-lo-íamos por amariamos o. E contudo nestas antreposições aquelle artigo o que se alli antrepõe é relativo, algum tanto diferente daqueloutros. [63, 16-21]

Nos contemporâneos de Fernão de Oliveira, não achei o mesmo uso. Na obra pedagógica de João de Barros, a contração do determinante com a palavra que o antecede se limita ao caso de 'todolos' por 'todos os'. É interessante notar que João de Barros não considera esse fenômeno como acentual, mas como o resultado de um processo de epêntese.

Epêntesis quér dizer interposiçám porque, quando â cometemos, se enterpõe lêtera ou sílaba na diçám, como a ésta palávra todolos , que, em lugar de s que lhe tiramos, lhe põe l que arrebáta a sílaba final os. E dizemos todolos com um só l e nam com dous, como fázem ôs que nam sentem que ésta páрте todolos é compósta déstas duas: todos os.

Em D. João III (n. 1502), Gândavo (n. 1502), e Francisco de Holanda (n. 1517), também se encontra *todolos/todallas*, mas contrariamente a Fernão de Oliveira e João de Barros⁵, já varia com a forma não sincopada *todos os/todas as*. Já Fernão Mendes Pinto (nascido em 1510 na região de Coimbra) deixa completamente de usar essa forma contraída. Podemos propor hipoteticamente a seguinte interpretação para a recorrência da contração do artigo com a palavra precedente na *Grammatica*. Esse fenômeno deixou, no séc. 16,

⁵ É interessante notar que em João de Barros se encontra variação entre *todos os que* e *todolos que* :
Poderám todos ôs que sáblem latim tomár ésta liçença pera dirivár vocábulos dele a nós?
Nem todolos que ensinam ler e escrever, nam sam pera o ofício que tem, quanto máis entendê-la, por crára que seja.

de fazer parte do dialeto dominante de Portugal, o de Lisboa, a não ser na expressão arcaica ‘todolos/todalas’, que porém já compete com a versão não contraída. O uso muito mais amplo da contração na *Grammatica*, bem como a sua tematização como processo acentual, sugere que ainda faz parte do dialeto materno de Fernão de Oliveira, bem como de outros dialetos ao norte de Lisboa. Mas não é suficiente quem faz obra de gramático ter uma determinada forma no próprio dialeto para adota-la na sua língua escrita, é preciso ainda uma concepção da língua que abrange a variação dialetal, o que parece ser o caso de Fernão de Oliveira, que baseia sua *Grammatica* no *Uso*, ainda que dos ‘homens sábios’. João de Barros, nascido 10 anos antes, também numa região do Norte, aborda a língua de maneira mais prescriptiva,⁶ se dobrando certamente muito mais aos usos dominantes da capital, onde ele foi estudar ainda muito jovem.⁷

2. *A locução há hi*

São muito freqüentes na *Grammatica* as ocorrências da expressão do verbo *haver*, com sentido existencial, acompanhado do advérbio locativo *hi*.

6. nós diremos que de nós aos latinos **ha hi** muita diferença nas letras, porque também as temos nas vozes. [11, 3-4]
7. não **ha hi** entre nós mais letras semivogaes que somente estas: l, r, s e z. [13, 20-21]
8. Neste nosso a b c ha hi trinta e três letras, todas nossas e necessarias para nossa lingua, das quaes oito são vogaes e chamam-se a, a, e, e, i, o, w, u; [20, 8]
9. Das vogaes não **ha hi** duvida [22, 8]
10. Também **ha hi** sillabas de três letras [28, 21]

O uso do advérbio nessas frases é fortemente reminiscente do *hi/y/hy* clítico do português antigo que, segundo Mattos e Silva (1994) baseada em Teyssier (1981), deixa de aparecer nos textos na segunda metade do séc. 15, embora a mesma forma continue na língua por mais um século como sinônimo da forma derivada *aí* (primeiro *ahy*), antes de desaparecer de vez.

Encontramos vários casos da locução *ha hi* em **D. João III**, nascido em 1502, cuja *Correspondência* data de 1524-1533, bem como na obra *Da pintura antiga*, publicada em 1548, de **Francisco de Holanda**, nascido em 1517.⁸

11. se o que este Miguel Fernandes diz nam he verdade, e **ha hy** armadas que posam sayr, emtam sera beem, (D. João III, correspondência, p.34)

⁶ Para uma esclarecedora comparação entre os dois primeiros gramáticos do português, remeto o leitor interessado ao estudo de Marli Quadros Leite.

⁷ O primeiro biógrafo de João de Barros, Severim de Faria, diz: “Entrou João de Barros no serviço del-Rei D. Manuel de tão poucos anos, que ele mesmo confessa que da idade do jogo de pião começara a servir no paço.” (FARIA, Manuel Severino de. Discursos vários políticos (introdução actualização e notas de Maria Leonor Soares Albergaria Vieira). Imprensa Nacional - Casa da Moeda, p.31 –disponível no Corpus Tycho Brahe)

⁸ Não achei exemplos na *História da Província de Santa Cruz a que vulgarmente chamamos Brasil* obra publicada em 1576, de **Pero Magalhães de Gândavo**, nascido também em 1502, nem na *Peregrinação de Fernão Mendes Pinto*, nascido em 1510.

12. e saibais se **ha hy** outrem que niso queira emtender (D. João III, correspondência p. 80)
13. Alem destas columnas **ha hi** outras chamadas atticas ou ántichas, que são quadradas, a quatro faces igoaes . (Francisco de Holanda, Da pintura antiga, p. 188)

Porém, note-se que em todos esses autores, o advérbio poderia ser claramente substituído por *ahí*, remetendo a um lugar anteriormente expresso no texto. Não é tão claro na *Grammatica*, onde o locativo é frequentemente independentemente expresso na mesma oração por um sintagma preposicional, como se vê nos exemplos acima, mais particularmente em (6), (7) e (8). Parece portanto que estamos frente a um genuíno uso do *advérbio* locativo associado ao uso existencial do verbo *haver*.⁹ Deve-se notar contudo que há também ocorrências em que o verbo aparece sozinho:

14. e é verdade na nossa lingua que não **ha** dous acentos senão onde **ha** duas dições e não compostas ou juntas em hũa. [35, 11-13]

Como discutido acima, a variação *ha/ha hi* poderia decorrer de um uso arcaizante do locativo anafórico *hi*, junto com o verbo *haver* existencial, ainda em uso no dialeto beirão.

3. *Conjunções*

O terceiro aspecto arcaizante que encontramos na *Grammatica* diz respeito ao uso de certas conjunções típicas do português arcaico:

- variação *porque / para que*

15. ..eu não presumo ensinar aos que mais sabem, mas notarei o seu bo costume **para que** outros muito aprendam ...[3,11-13]
16. E pois grammatica é arte que ensina a bem ler e falar, saibamos quem primeiro a ensinou e onde e como, **porque** também agora a possamos usar na nossa antiga e nobre língua. [8, 10-12]
17. como também **porque** seu reino fique e persevere em seus filhos. [44, 25]
18. Tiramos ou formamos hũas dições doutras **para** abastecer e fazer copiosa a nossa língua e **porque** nos não falem vocabolos nas cousas...[54, 16-18]

- *ca*

19. *ca* esta arte de grammatica em todas as suas partes e muito mais nesta da analogia é resguardo e anotação desse costume e uso... [59, 22-24]

⁹ Uma explicação alternativa seria considerar o advérbio como um redobro do sintagma locativo, do tipo das construções de que trataremos mais abaixo. Note-se que o redobro é também típico do português arcaico.

20. ... porque é melhor que ensinemos a Guiné ca que sejamos ensinados de Roma, [7, 25-26]

Encontra-se também em João de Barros (n. 1497),

21. A formaçám dos nomes no plurár da primeira declinaçám é cousa mui fáçil, **ca** nam tem máis que acreçentár-lhe ésta lêtera s, como óra vimos em o nome rainha que declinamos.

mas não em D.João III (n. 1502), nem em Gândavo (n. 1502), nem em Fernão Mendes Pinto (n. 1510), nem em Holanda (n. 1517).

- particularidades do uso de *que*

Chama a atenção na *Grammatica* o uso de *que* onde modernamente usaríamos *como*, bem como alguns casos em que o reverso se dá: *como* no lugar de *que*.

22. e esta derradeira Libura põe junto do rio Tejo abaixo de Toledo da parte do sul, quasi mostrando ser Évora **que** agora chamamos. [5, 26-28]

23. E isto confirma Marciano Capella no terceiro livro nomeando o rei e terra **que** Diodoro diz, ainda que esse Diodoro no quarto livro torna a dizer Cadmo ... [8, 16-17]

24. Estes no tempo do poderoso nosso senhor e rei dom João, o terceiro deste nome, a quem Deos quis dar aquella bem-aventurança de viver e senhorear sem sangue **que** diz Chilo filósofo de Lacedemônia, ... [9, 24-26]

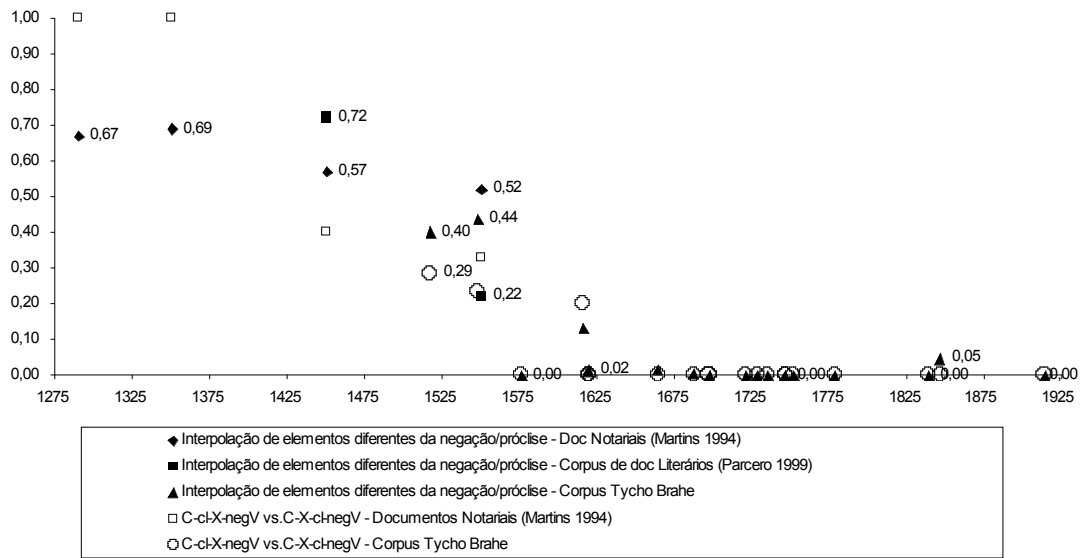
25. ... logo **como** teve paz em tempo do mui nobre rei dom Dinis tornou aos estudos... [9, 22-23]

A ‘multifuncionalidade’ de *que* é referida por Barreto e Olinda (1996) como um traço arcaico. Carecemos de estudos para avaliar até que ponto isso se prolonga no português clássico.

4. *a interpolação de um elemento diferente da negação*

Uma outra construção típica do português arcaico é a chamada interpolação, que consiste na inserção de algum constituinte entre o pronome clítico e o verbo. Contrariamente à interpolação da negação, que se mantém de maneira produtiva até o séc. 19, a interpolação de sintagmas nominais, adverbiais e preposicionais, desaparece nos textos escritos no segundo quarto do séc. 17, como se vê no gráfico seguinte, de Namiuti (2008)

G1 O desaparecimento da interpolação generalizada de constituintes



O gráfico mostra que, apesar de estar sofrendo declínio, a construção ainda tem uma certa produtividade em meados do séc. 16. Não nos surpreende portanto encontrar vários exemplos na *Grammatica*, com diferentes pronomes, e com diferentes funções do sintagma interpolado:

26. ... pois quanto carrego tem de sua gente ser bem ensinada e a fazenda melhor repartida he mais manifesto a todo o mundo do que **o eu** posso **dizer**. [3, 3-5]
27. E portanto não tem nome apropriado mais de quanto **lhe o costume** quis dar. [19, 9-10]
28. Quando **lhe Probo grammatico chamou** dobrado, cuido eu que sentiu isto que eu sinto [23, 15-16]
29. E isto se faz de necessidade em que **nos o costume já pôs**. [30, 21-22]
30. e quão mal **o elles** entendem, se mostra no pouco proveito que **lhes com isso fazem**. [63, 9-11]

As construções exemplificadas acima são perfeitamente representativas da gramática do português antigo, na medida em que, além de o elemento interpolado ser um sintagma nominal ou um pronome, a interpolação ocorre em orações subordinadas (cf. Martins, 1994, entre outros trabalhos), ou seja, em estruturas nas quais, o clítico é obrigatoriamente pré-verbal. Mas encontramos também na *Grammatica* interpolação da negação em contextos não dependentes, como na frase seguinte:

31. O numero das sillabas **Quintiliano o** não **quer** determinar. [34, 6]

Essa é uma inovação que emerge nos textos na segunda metade do séc. 15 (Martins, 1994; Namiuti, 2008). Namiuti (2008) mostra que existem na história do português duas gramáticas da interpolação: a antiga, irrestrita em relação aos elementos interpoláveis mas restritiva em relação aos contextos de licenciamento de interpolação, e a clássica, restrita à interpolação da negação, mas impondo como única restrição contextual a

proibição do clítico em primeira posição. Nessa segunda gramática, a interpolação da negação ocorre portanto em construções em que a ênclise é possível. Durante o séc. 16, as duas gramáticas co-existem, até o desaparecimento da primeira, nos textos escritos no primeiro quarto do séc. 17.

5. *sintaxe 'redundante' e focalização*

Um dos traços mais salientes da gramática do português antigo, é a redundância na expressão de certos elementos funcionais da frase, como pronomes e negação (para um estudo recente desse fenômeno, cf. Castilho de Moraes, 2005).

Encontramos repetidas vezes na *Grammatica* construções em que o pronome clítico é redobrado pelo pronome tônico correspondente introduzido pela preposição *a*.

32. E deixadas outras rezões desta divisão por esta que **me a mim** parece...
[13, 19-20]

33. mas **a mi me** parece que com o i consoante o podemos escusar.

No exemplo (32), a interpolação do pronome forte entre o clítico e o verbo dá um efeito mais arcaizante ainda. Porém, um olhar mais sistemático mostra que essa construção se encaixa também na gramática do português clássico, uma vez que a repetição consiste na *Grammatica* num recurso de focalização marcada. Vários trabalhos (cf. entre outros Torres Moraes 1995 e Paixão de Sousa 2004) mostraram que o português clássico – como o português antigo - é uma língua de tipo ‘V2’ no sentido que tem uma posição pré-verbal para onde os elementos do sintagma verbal se movem, podendo receber nessa posição uma interpretação de tópico ou de foco. Nos exemplos acima, é o sintagma pronominal preposicionado ‘a mim’ que se move para essa posição inicial, recebendo interpretação de foco. Os dois casos porém em que o sintagma pronominal é pós-verbal - ambos com verbos distintos de *parecer*- trazem outros recursos de focalização, prescindindo do alçamento para a posição pré-verbal :

34. porque assim **me soa a mim** nas **minhas** orelhas [20, 20-21]

35. mas não **lhe** podemos **a ele só** formar nome nem pronúnciação próprios

Em (34) a terceira repetição da 1ª pessoa com o possessivo *minhas* realiza a focalização em posição pós-verbal.¹⁰ Em (35), é o elemento focalizador *só* que marca lexicalmente a focalização.

Encontramos um processo similar de aparente reduplicação com a negação, em orações negativas nas quais um sintagma pré-verbal contém a coordenação negativa *nem*:

36. Verdade é que rascã **nem capitã não** são mui usados; [34, 2]

37. Daqui para trás o nosso espirito **nem orelhas não** consintem haver acento;
[35, 15-16]

Uma explicação similar à anterior está disponível para essas construções: o sintagma nominal é frontado para uma posição de foco marcado. Sendo assim, a estrutura

¹⁰ A focalização nesse caso parece ser interna ao sintagma nominal.

subjacente das orações comportam uma posição interna ao sintagma verbal que contem um vestígio dos sintagmas deslocados, e a interpretação da negação se dá em relação a essa posição, ou seja, o operador de negação sentencial (*não*) tem escopo sobre a negação interna ao sintagma nominal, e não o contrário (*não são muito usados rascã nem capitã/ não consintem haver acento o nosso espírito nem orelhas*).¹¹

Em conclusão, a questão dos arcaísmos na *Grammatica* é bastante complexa. Fora a interpolação de sintagmas distintos da negação, que se encontra nessa época ainda em uso generalizado, apesar de estar em via de desaparecimento, os outros fenômenos assimiláveis a arcaísmos podem receber uma outra interpretação. Temos por um lado algumas pistas de que certas construções estão na *Grammatica* não como resquícios da gramática antiga mas como reflexo de uma variação dialetal existindo em Portugal nessa época, cuja existência é repetidas vezes assumidas pelo autor. Outros aspectos, como a reduplicação dos pronomes e da negação podem ser interpretadas como um recurso de focalização, perfeitamente compatível com a gramática clássica.

II. A gramática clássica:

Situarei Fernão de Oliveira na gramática do português clássico em relação a três aspectos: a sintaxe do sintagma nominal, a sintaxe de colocação dos clíticos, e as construções de topicalização.

1. o sintagma nominal

A gramática clássica difere bastante da gramática do português europeu moderno em relação ao sintagma nominal. Encontramos em Fernão de Oliveira uma clara expressão dessa gramática, com menos uso de artigo definido, e com ordens que não existem mais hoje:

a) O uso do determinante

Sabe-se que o uso do determinante é mais restrito na gramática do português clássico do que na gramática do português moderno. Na *Grammatica*, está sistematicamente ausente com os nomes de nações:

38. E não é muito seguir **Itália** o que já **Grécia** antes teve por lei na república de Sócrates [p.9, 18-19]

39. E ao contraio vemos em **África, Guiné, Brasil e Índia** não amarem muito aos portugueses que antri'elles nadem só polla diferença da língua; [10, 9-10]

40 ... Sólon sabedor de Grécia, [4, 8] (fac-simile e edição semi-diplomática)¹²

¹¹ Em termos técnicos no quadro da gramática gerativa temos aqui um caso de 'reconstrução'.

¹² A edição crítica propõe 'Sólon sabedor da Grécia', mas isso não corresponde ao que consta no fac-símile e é fielmente transcrito na edição semi-diplomática.

Aparentes contra-exemplos podem ser interpretados como resultando do uso da preposição *a*, na construção freqüente na época de ‘acusativo preposicionado’:

41. ... Salustio em tempo de Enéas troiano e depois acha **a Itália** mui grosseira e mal misturada. [9, 7-8]
42. ... porque é melhor que ensinemos **a Guiné** ca que sejamos ensinados de Roma, [7, 25-26]

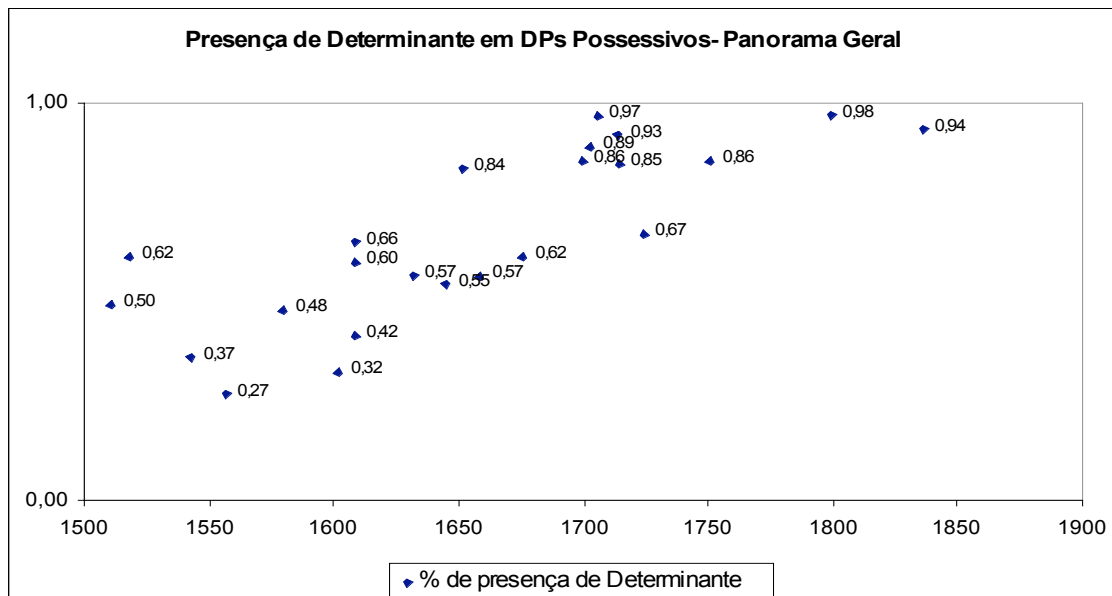
Uma aparente ‘eiceição’ se encontra com *Espanha* – mas isso deixa de ser um contra-exemplo se nos lembrarmos que Espanha, naquele tempo, não é uma nação mas a própria Península Ibérica.

43. E só esta nossa terra Portugal, na Espanha, quando os godos com seus costumes bárbaros e viciosos perderam a Espanha, teve sempre bandeira nunca sojeita a mouros, mas muitas vezes contr’elles vitoriosa, [6, 20-22]

O uso do artigo é variável com o quantificador *todo* no plural:

44. mas também estes erram porque lha não podem pôr em **todos lugares** [13, 3-4]
45. **Todas cousas** tem seu tempo e os ociosos o perdem [76, 10]

É também variável em sintagmas possessivos. Esse é um traço que distingue fortemente o português clássico do português europeu moderno e o aproxima do português brasileiro (cf. entre outros, Oliveira e Silva 1982, Floripi 2008). O gráfico seguinte, de Floripi (2008) mostra a evolução desse uso ao longo do tempo:¹³



¹³ Cf. na nota 15 a lista dos autores considerados.

Nesse gráfico, vemos que os autores nascidos na primeira metade do séc. 16 têm entre 37 e 62% de determinante em DPs possessivos.¹⁴ Essa percentagem aumenta por volta de 1650, para chegar a perto de 100% no séc. 19. Fernão de Oliveira na sua *Grammatica* segue o uso do seu tempo escrevendo o artigo definido em torno de 30% das ocorrências. A variação, na mesma frase pode se verificar no exemplo abaixo:

46. E as letras semivogaes **em seu officio**, e as liquidas **na sua valia** todas têm uma com outras algum parecer. [25, 14-15]

Mas a *Grammatica* traz interessantes evidências de que essa variação não é puramente formal. Encontramos assim o uso sistemático do determinante (menos num caso ao qual volto mais abaixo) nas expressões ‘a nossa língua, as nossas palavras, as nossas vozes, as nossas sillabas’. Nessas expressões, ‘nosso’ tem fortemente seu sentido adjetival, já que ‘nosso’ chega a ser uma categoria da *Grammatica* como mostra Guimarães (neste volume). Ou seja, nesse caso, o possessivo está desprovido de definitude, não podendo desempenhar função de determinante, e o artigo se torna imprescindível. Encontramos no livro inteiro um único caso em que ‘nossa’ não é precedido do artigo:

47. Neste nosso abc ha hi trinta e três letras, todas nossas e necessarias para **nossa lingua** [20, 8]

Nesta frase, o possessivo segue a preposição *para*. Vários estudos (entre outros Oliveira e Silva 1982 e Floripi 2008) mostraram que a preposição desempenha um papel de destaque na distribuição do artigo definido com possessivo, inibindo sua realização. Floripi propõe que isso se deve à fusão da preposição com o determinante, às vezes realizada morfologicamente numa contração visível, às vezes não. A preposição *para* não tem forma contraída realizada especificamente na escrita, mas podemos pensar que Oliveira deixa de escrever o artigo definido porque já está contido no final da preposição.

b) Outros aspectos da construção do sintagma nominal

O sintagma nominal do português clássico tem outros traços que o diferenciam do português moderno, tanto europeu como brasileiro, representados na *Grammatica*. Carecemos infelizmente de estudos aprofundados sobre esse assunto. Não sendo portanto possível fazer uma comparação da *Grammatica* com outras obras contemporâneas, me limitarei aqui a registrar algumas das particularidades encontradas:

- demonstrativo no lugar do artigo sem nenhum valor anafórico, uma vez que em nenhum dos dois exemplos se menciona anteriormente a letra *a* ou a terminação *em*.

:

¹⁴ Essa quantificação geral encobre um fato importante da distribuição do artigo definido ao longo do tempo: a discrepância entre os contextos em que o sintagma possessivo é sujeito ou objeto e aqueles em que é complemento de preposição. Os primeiros já aparecem com mais de 80% de artigo desde o séc. 16 Floripi (2008). Nos segundos encontramos uma forte inibição do artigo até o séc. 18. Floripi (2008) explica esse fato pela contração morfologicamente realizada ou não do artigo com a preposição.

48. mais tempo tem **esta** letra vogal **a** grande em *gasto* que em *gato* [31, 26-27]
49. Também as dições acabadas **nesta** terminação **em** não tem muitas vezes o acento na ultima como *linhagem, menagem*. [36, 26-27]

- Nomes próprios pré-nominais:

50. E esses sabem falar, os que entendem as cousas, porque das cousas naçem as palavras e não das palavras as cousas, diz **Mison filosofo** [4, 11-12].
51. Quando lhe **Probo grammatico** chamou dobrado, cuidou eu que sentio isto que eu sinto. [2, 15-16]

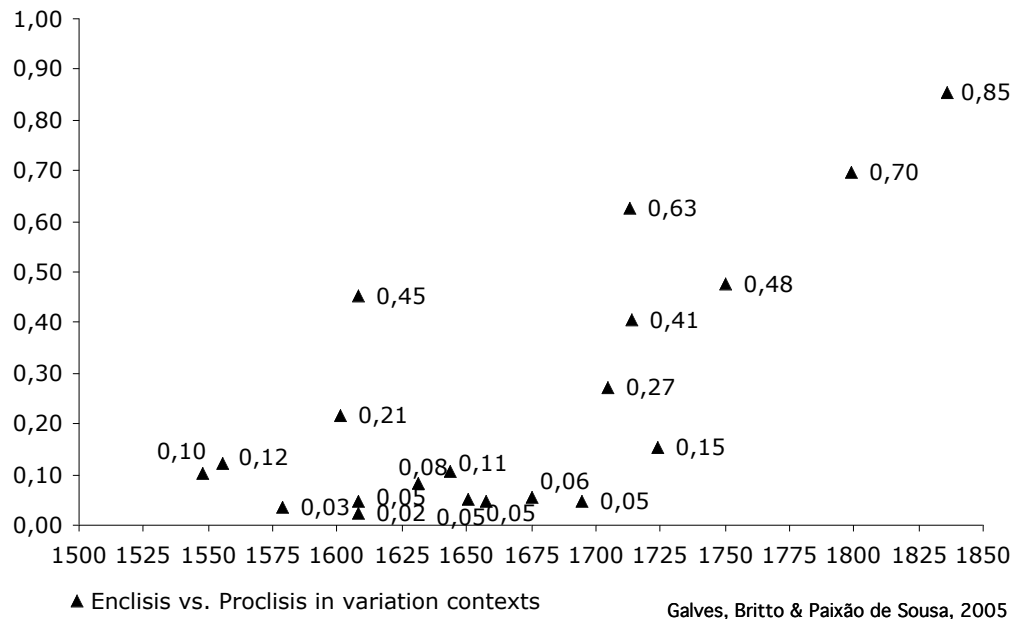
Essas duas características podem ser relacionadas com a maior opcionalidade de realização morfológica do artigo definido encontrada nos escritos da época. Pode-se derivar dessa opcionalidade a realização de outros itens lexicais em posição pré-nominal, ocupando o lugar do determinante definido. *Mison Filosofo*, por exemplo, seria expresso hoje por *o Filosofo Mison*.

2. a colocação de clíticos em contextos de variação

A colocação de clíticos é um dos fenômenos mais interessantes do ponto de vista da história da língua. No português europeu, observamos dois grandes tipos de contextos em orações finitas: aqueles em que a colocação se mantém imutável ao longo do tempo, e aqueles em que ela varia e muda. Os primeiros são os contextos de colocação categórica: ênclise categórica quando o verbo está em primeira posição, próclise categórica quando ele vem precedido de certos elementos como negação, sintagmas interrogativos, operadores de focalização, conjunções de subordinação (com algumas exceções), certos advérbios. Os segundos são todos os outros casos, nos quais ao longo do tempo, existe variação entre ênclise e próclise, até que, no séc.19, a ênclise se torne obrigatória. Vários trabalhos mostraram que a ênclise é muito minoritária em contextos de variação no séc. 16 (cf. Lobo 1992, Martins 1994, Galves, Britto e Paixão de Sousa, 2005). O gráfico a seguir, baseado no Corpus Tycho Brahe,¹⁵ mostra que nos autores nascidos nos séc. 16 e 17 apresentam na sua grande maioria uma taxa de ênclise que varia entre 0 e 20%.¹⁶

¹⁵ Os autores e as obras considerados são: Diogo do Couto (1542-1606), *Décadas*; Luis de Sousa (1556-1632), *A vida de Frei Bertolameu dos Mártires*; Francisco Rodrigues Lobo (1579-1621), *Corte na aldeia e noites de inverno*; Padre Manuel da Costa (1601-1667), *A arte de furto*; Antonio Vieira (1608-1697), *Correspondência*, e Sermões; Francisco Manuel de Mello (1608-1666), *Cartas Familiares*; Frei Francisco das Chagas (1631-1682), *Cartas Espirituais*; Manuel Bernardes (1644-1710), *Nova Floresta*; José Cunha Brochado (1651-1735), *Correspondência*; Maria do Céu (1658-1753), *Relação da Vida e Morte da Serva de Deus a Venerável Madre Elenna da Cruz*; André de Barros (1675-1754), *A vida do Padre Antonio Vieira*; Alexandre Gusmão (1695-?), *Correspondência*; Matias Aires (1705-1763), *Reflexões sobre a vaidade dos homens*; Luis Antonio Verney (1713-1792), *Verdadeiro método de estudar*; Antonio da Costa (1714-?), *Cartas do Abade Antonio da Costa*; Correia Garção (1724-1772), *Dissertações*; Marquesa de Alorna (1750-1839); Almeida Garrett (1799-1854), *Viagens na minha terra*; Ramalho Ortigão (1836-1915), *Cartas a Emília*.

¹⁶ O ponto discrepante corresponde aos Sermões do Padre Antonio Vieira. Para uma discussão e análise, ver Galves, 2003 e Galves, Britto e Paixão de Sousa, 2005.



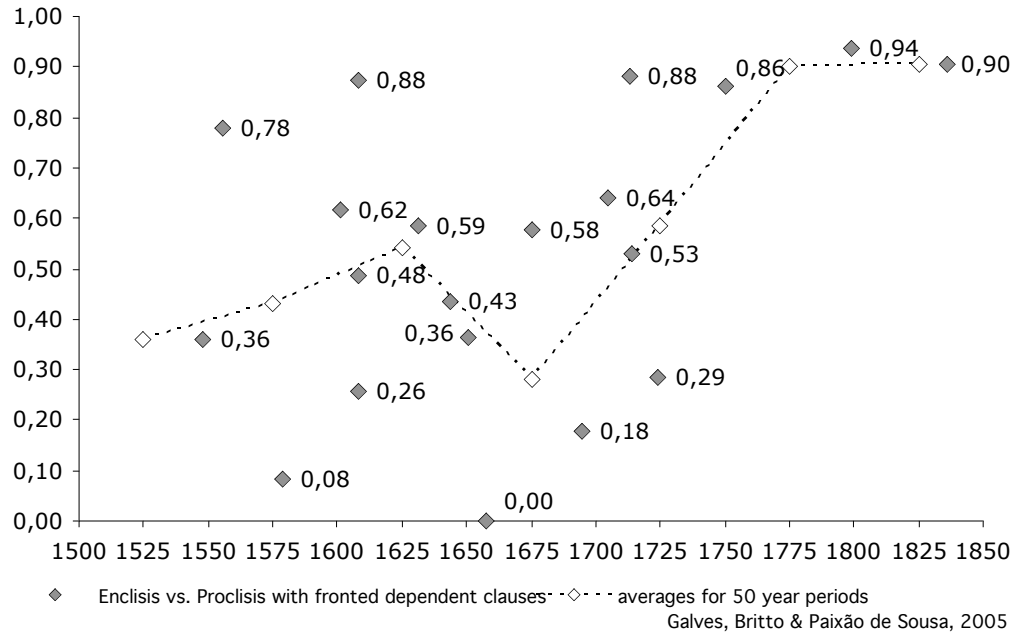
Nesse gráfico, cada ponto representa a taxa de ênclise em orações em que o verbo é precedido por um sujeito, um sintagma preposicional ou um advérbio não desencadeador de próclise obrigatória, como nos exemplos abaixo:

52. Esta fortuna **pesa-me** já muito. (Melo, n. 1608)
53. Ruy Lopes de Villa-Lobos **o recebo** com muita honra (Couto, n. 1542)
54. Agora **quero-lhe** dizer algumas cousas das que Vossa Mercê desejará saber a meu parecer (A. Costa, n. 1714)
55. Sábado passado **vos mandei** um papel de engaços (Melo, n.1608)
56. A respeito de Prado **diz-me** Queiroz: "Não sei se Você já o viu depois de casado". (Ortigão, n. 1836)
57. Para os críticos **me deu** Nosso Senhor excelente coração, porque sempre vou a ganhar com eles ...(Melo, n. 1608)

Esses contextos foram rotulados por Galves Britto e Paixão de Sousa (2005) *Contextos de Variação I*. Existem outros contextos de variação – os *Contextos de variação II* – em que o verbo é precedido por uma conjunção de coordenação ou por uma oração dependente, como ilustrado abaixo:

58. Achou-os ditosamente, falou-lhes, **e rendeu-os** a largarem aquela vida brutal , e virem a ser filhos da Igreja, e vassallos do Império Português. (A. Barros, 1675)
59. Durando as persuasões do padre, chegou preparada uma mezinha, **e lhe pediram se retirasse**.(Bernardes, 1644)
60. Para os começar a render, **amimou-os com donativos, língua a todas as Nações não menos inteligível, que grata.** (A. Barros, 1675)
61. Vendo-o um Cónego no adro daquela antiga Sé **lhe disse:** *De quem sois meu menino?* (A. Barros, 1675)

Nesses contextos, encontra-se muito mais ênclise e a variação entre autores é muito maior, como se pode ver no gráfico abaixo, que mostra a taxa de ênclise nos mesmos autores quando o verbo é precedido por uma oração:



Se Fernão de Oliveira se conforma aos usos do seu tempo, esperamos então encontrar na *Grammatica* pouca ênclise em orações do tipo *Contexto de variação I* e eventualmente muita ênclise nas orações de tipo *Contexto de variação II*. A seguinte frase ilustra bem os dois contextos, com a colocação esperada:

62. Estas cousas me obrigam e fazem julgar que elle abasta não só para meu intento que sou hum homem baixo e estende-se a pouco meu ânimo... [2, 15-17]

Não apresentarei aqui uma quantificação exaustiva da colocação de clíticos na *Grammatica*, mas notarei que dos 13 casos repertoriados de ênclise, só 3 são de *Contextos de variação I*

63. mas com isso achamo-las que desfavorecem o bo saber, que é pior: [9, 12-13]

64. Tem tanto poder o costume e também a natureza que, em que nos pês, nos faz conhecer esta diversidade de vozes e faz que muitos em lugar destas vogaes grandes escrevam duas, como quer que a voz não seja mais que hüa, e outros poem-lhe aspiração; [13, 1-3]

65. Mas eu julgo-o ser grande e não da lingua; [53, 6]

Interessante notar que as três orações contendo ênclise são todas elas iniciadas por uma conjunção de coordenação, apesar dessa conjunção não preceder imediatamente o verbo como nos *Contextos de Variação II*. Isso dá-lhes uma ênfase que pode estar relacionada com o uso da ênclise, construção claramente marcada no português clássico. Note-se

também uma particularidade em comum entre os exemplos (62) e (64). Em ambos, a ênclise aparece numa oração coordenada com uma subordinada. Ora seria natural nesse caso que a colocação de clíticos fosse aquela que se dá nas subordinadas: a próclise. O uso da ênclise nesse contexto destaca a oração como se houvesse um ponto antes dela, ou seja como se fosse de fato independente. No exemplo (64), o uso da ênclise vai de par com o uso do indicativo, no lugar do subjuntivo.

Os outros casos de ênclise são todos de *Contextos de variação II*:

66. mas o til que lhe posemos muda a calidade do a de clara voz em escura e **mete-o** mais pellos narizes. [22, 13-14]
67. e quando muito aperfiarem estes nossos latinos, **acalentemo-los** dizendo que si. [54, 11-12]

Em compensação a próclise é dominante nos *Contextos de variação I*, como ilustrado abaixo:

68. e **nós as podemos** interpretar fundamentos das vozes e escritura. [10, 26-27]
69. Alghüas letras se fazem liquidas. [20, 16]
70. na primeira sillaba se contam f e r e a, s ou til. [28, 19-20]

Em conclusão, encontramos na *Grammatica* uma sintaxe de clíticos semelhante aos outros autores da época, na qual a ênclise em orações em que o verbo não está em primeira posição, é um fenômeno marcado nos *Contextos de variação I*, e que se encontra essencialmente nos *Contextos de variação II*.¹⁷

Na próxima Seção, consideraremos uma outra construção na qual encontramos, de maneira quase categórica, a ênclise nos autores da época, bem como na *Grammatica*.

3. *topicalização, retomada pronominal e ordem dos constituintes*

Como já mencionado acima, há fortes evidências de que o português clássico seja uma língua de tipo V2, ou seja uma língua na qual existe uma posição pré-verbal disponível para ser ocupada por qualquer elemento do sintagma verbal, que recebe então uma interpretação de tópico ou de foco (cf. entre outros trabalhos, Torres Moraes, 1995; Paixão de Sousa, 2004; Galves Britto e Paixão de Sousa 2005). O termo V2 vem do fato de que o verbo segue imediatamente essa posição, ocupando portanto a segunda posição da oração. Essa construção está ilustrada nos exemplos seguintes:

71. e da primeira destas faz Plinio menção aos vinte capitulos do quarto livro da sua Estoria Natural; [5, 14-15]
72. As figuras destas letras chamam os gregos caracteres [10, 24]

¹⁷ Para uma discussão teórica da derivação da variação ênclise/próclise na gramática do português clássico, cf. Salvi (1991), Paixão de Sousa (2004) e Galves, Britto e Paixão de Sousa (2005) entre outros. A hipótese fundamental é que a ênclise na gramática clássica deriva da Lei de Tobler-Mussafia, ou seja da impossibilidade de o clítico estar em primeira posição absoluta na oração. Por consequência, se o clítico segue o verbo apesar de algum sintagma preceder este, significa que este sintagma está, na estrutura subjacente, numa posição externa à oração. Cf. Seção 3 para mais discussão.

73. As dições que tem ou todas três estas sillabas grandes ou a última com algh̃ua qualquer das outras, escolhe entre as outras o nosso costume para lugar do acento e som principal da dica ou parte a ultima, como *lugar, rosalgar*. [38, 6-9]

Uma característica importante desse tipo de construção é que o sintagma frontado não é retomado por um pronome. Observamos também que, na *Grammatica*, o sujeito pode seguir imediatamente o verbo, ou ser separado dele por um outro constituinte, como em (73).

Existem contudo construções em que o elemento frontado é retomado por um pronome, como nas seguintes frases:

74. Estes nomes eu não **nos** pronunciaria desta forma (33, 27-28]
75. O numero das sillabas Quintiliano **o** não quer determinar. [34, 6]

Como nota Antonelli (2007), a diferença entre (71-73) e (74-75) é a posição do sujeito, pós-verbal nas primeiras e pré-verbal nas segundas. Ou seja, nestas, o verbo não está mais em segunda posição mas em terceira posição. O pronome retoma um sintagma que não está na posição imediatamente pré-verbal mas numa posição que precede esta. Se admitirmos que há uma única posição interna à oração disponível antes do verbo, a posição que precede esta é logicamente externa à oração, numa posição de adjunção a ela. Note-se que esta posição pode ser ocupada mesmo na ausência de um elemento pré-verbal interno. Quando isso acontece, temos retomada pronominal e posição pós-verbal (ou intraverbal) do pronome clítico, como na frase seguinte:

76. A estas dições alheas com necessidade e não facilmente trazidas chamar-**lhe**-emos alheas enquanto forem muito novas, [43, 23-25]

(76) forma um par mínimo com (72), diferindo superficialmente pela presença do pronome, e estruturalmente pela posição do elemento pré-verbal. Mas esse caso é relativamente marginal já que de seis ocorrências de *(a)X chamar Y*, encontramos 5 sem pronome e 1 com pronome (o exemplo 76 acima). Como já observado acima, o pronome, em compensação, é categórico quando algum elemento, sujeito ou de outra função, intervém entre o verbo e o sintagma inicial, como novamente exemplificado abaixo:

77. Ao x nós **lhe** chamamos cis, [18, 13]
78. As quaes, porque assi são mais gerais e comprehendem mais, chamamos-**lhe** naturaes; [60, 4-5]

Com base na hipótese de que o clítico é pós-verbal, em português clássico, quando o verbo inicia estruturalmente a oração (cf. nota 17), a variação ênclise/próclise nessas construções depende da posição do elemento imediatamente pré-verbal. Em (77), o sujeito está interno à oração, enquanto em (78), a oração dependente é externa à oração. Note-se que reencontramos a distinção entre *Contextos de variação I* (com sujeito) e *Contexto de variação II* (com oração dependente pré-verbal). Estudando as orações V3 (em que o verbo está em terceira posição superficial) do *Corpus Tycho Brahe*, Galves e Paixão de Sousa (2005) constatam que não há nenhuma ocorrência de XSV com ênclise

nos autores nascidos nos séc. 16 e 17, sendo que essa construção se torna freqüente nos séculos posteriores. Na *Grammatica* também não encontramos nenhuma ocorrência XSV-cl.

Quando o sujeito é o primeiro elemento de uma construção V3, existem várias realizações: sem nenhuma retomada pronominal, como em (79) ou com os dois sintagmas iniciais retomados, como em (80) :

79. E os nomes acabados em ol a mesma regra seguem, [69, 2-3]

80. E os mais antigos todos os lugares que agora se escrevem com q, elles os escreviam com se; [17, 25-26]

A possibilidade da não retomada do sujeito por um pronome em (79) se deve à natureza pronominal da flexão verbal em português clássico. Note que essa retomada também pode ser feita por outros tipos de pronomes, como em (81) e (82):

81. E as letras semivogaes em seu officio, e as liquidas na sua valia todas têm uma com outras algum parecer. [25, 14-15]

82. As vozes h̃uas se declinam e outras se não declinam: [56, 24-25]

A retomada pronominal é na gramática do português, ao longo da sua história, um fenômeno ligado à topicalização. A ordem normal é portanto aquela em que o sintagma nominal precede o pronome, uma vez que a topicalização é uma operação de fronteamento. Encontramos porém na *Grammatica* alguns casos em que a ordem é reversa, como em (83):

83. Ora, pois de tal nome com'este, que nem é mais próprio nem mais antigo em outra terra que nesta, se quiséremos, saber a etimologia ou nacimiento dele, ha mester que saibamos onde primeiro naceo esta cousa a que chamamos arcabuz e quem **no** pariu este nome, digo, assi novo nacido. [42, 15-17]

Para entender o que está em jogo na reduplicação pronominal em (83), convém transcrever um trecho extenso, que mostra que 'nome' é o tópico discursivo da frase, ao qual o clítico *no* remete. Percebemos que a necessidade de repetir o tópico no final da frase se deve ao longo trecho que se intromete entre este e o pronome, tornando necessário a sua repetição, para maior clareza do texto. Essa repetição da palavra *nome* é acompanhada de outros elementos que retomam o que já foi dito (*assi novo nacido*).¹⁸ Podemos então concluir que a reduplicação não é entre o clítico e o sintagma nominal à sua direita mas entre os dois sintagmas nominais (*de tal nome, este nome*)

Terminarei este estudo com uma última propriedade gramatical do português clássico, presente em Fernão de Oliveira: o paralelismo sintático entre orações principais e orações subordinadas (cf. Antonelli, 2007). Vejam-se os exemplos seguintes:

¹⁸ Encontra-se um outro caso, um pouco distinto, em

Verdade é que de costume **lhe** chamamos àquele til, e a este ahá [22, 23-24]

Nessa frase, não há propriamente reduplicação já que os sintagmas nominais à direita da oração não são tópicos desta mas sujeitos de mini-oração complemento do verbo *chamar*.

84. E porém agora primeiro diremos que cousa é linguagem e da nossa como é principal antre muitas [3, 20-21]
85. As dições que trazemos doutras línguas escrevê-las-emos com as nossas letras que nellas soam, como *ditongo*, *filosofo*, *grammatica*, porque todo o mais é empedimento aos que não sabem estas línguas donde **elas** vieram, [29, 23-26]

Nessas duas frases, uma oração interrogativa indireta é precedida imediatamente por um sintagma topicalizado, com retomada pronominal na segunda. Nos dois casos o verbo que introduz essas orações interrogativas é um verbo epistêmico (*diremos*, *sabem*), mas é interessante notar que a oração que contém esse verbo em (85) é uma oração relativa. Muitas línguas têm restrições sobre a inserção de sintagmas topicalizados em posições desse tipo, em particular em contextos como (85). Chama portanto a atenção esse tipo de estruturas. De um ponto de vista estilístico, são certamente recursos de ênfase que o autor da *Grammatica* utiliza, na preocupação de ser claramente entendido, mas estes lhes são proporcionados pela sua gramática, que permite numerosos recursos de topicalização.¹⁹

III. Em guisa de conclusão:

É muito de lamentar que a obra prometida nunca tenha sido escrita, ou tenha sido perdida. Porque certamente Fernão de Oliveira nos daria nela uma bela descrição da sintaxe do seu tempo. A julgar pela maneira como trata a fonética, a morfologia e a ortografia, que mais do que enquadrar em termos pré-estabelecidos na tradição gramatical dos antigos, ele olha com um olhar novo e desprovido de preconceito, e a julgar pela língua que ele escreve, precisa, viva e profundamente comprometida em assegurar a compreensão do seu leitor, temos certeza que a sua *Construção* traria também sobre a língua do séc. 16 um testemunho ímpar, que os outros gramáticos do seu tempo, mais preocupados em equiparar o português ao latim, e em anular a variação da língua falada, não saberiam nos dar. Como bem ressaltado por Duarte (neste volume) o aperitivo que nos dá no Cap. 49, e mais algumas observações espalhadas pelos outros capítulos, nos deixa entrever a mesma incomum e pioneira capacidade de analisar a linguagem, fora dos quadros já estabelecidos, antecipando análises modernas de noções como o Caso e o Determinante. O que se pôde acrescentar aqui, é que a língua escrita por Fernão de Oliveira na *Grammatica* é claramente representativa do chamado português clássico, à qual subjaz uma gramática de tipo V2, com recursos variados na ordenação dos constituintes e na sintaxe pronominal, usados a contento para maior inteligibilidade da obra. Nessa língua, nessa época, ainda se encontram vestígios da gramática antiga. Fizemos a hipótese de que alguns dos arcaísmos encontrados – e ausentes de outros autores do seu tempo – pudessem ser interpretados como o reflexo do dialeto próprio do autor, mais setentrional, portanto mais próximo do português arcaico. Mesmo difícil de ser comprovada, essa hipótese encontra sua plausibilidade na reiterada afirmação, pelo autor da *Grammatica*, da existência da variação dialetal como um fato incontornável da língua. Não haveria portanto um homem do Norte de escrever exatamente como um homem do Sul.

¹⁹ Para um estudo aprofundado sobre os diversos tipos de topicalização em português clássico, ver Gibrail (em andamento).

Referências bibliográficas

- Antonelli, A. (2007) “O Efeito V2 no Português Clássico”, inédito, Unicamp.
- Barreto, T. & S. R. Olinda (1996) “Perseguindo as conjunções”, in R.V. Mattos e Silva (org.) *A carta de Caminha*, Salvador: Editora da UFBA.
- Castro, I. (2006) *Introdução à história do português*, Lisboa: Edições Colibri.
- Floripi, S. (2008), O determinante em sintagmas nominais possessivos na história do português, tese de doutorado inédita, Unicamp.
- Galves, C. (2003) "Sintaxe e estilo: a colocação de clíticos nos sermões do Padre Vieira", in E. Albano, M.I. Hadler Coudry, S. Possenti & T. Alckmin (orgs) *Saudades da Língua*, Mercado de Letras, pp. 245-260.
- Galves, Britto & Paixão de Sousa (2005) , “The Change in Clitic Placement from Classical to Modern European Portuguese: Results from the Tycho Brahe Corpus”, *Journal of Portuguese Linguistics*, vol. 4.1, José Ignacio Hualde (org.) *Special Issue on Variation and Change in the Iberian Languages: the Peninsula and beyond*, pp.39-67.
- Galves, C., C. Namiuti & M.C. Paixão de Sousa (2006) “Novas perspectivas para antigas questões: revisitando a periodização da língua portuguesa”, in A. Endruschat, R. Kemmler & B. Schafer-Prieß (orgs.) *Grammatische Strukturen des Europäischen Portugiesisch*, Tübingen: Calepinus Verlag, 2006.
- Galves, C. & M.C. Paixão de Sousa (2005) “Clitic placement and the position of subjects in the history of Portuguese”, *Romance Languages and Linguistic Theory 2003, Selected papers from ‘Going Romance’ 2003*, John Benjamins, pp. 93-107.
- Gibrail, A. (em andamento) A topicalização no português clássico, tese de doutorado, Unicamp.
- Leite, M. Q. (2007) *O nascimento da gramática portuguesa, uso e norma*, São Paulo; Paulistana: Humanitas.
- Lobo, T. (1992) A colocação dos clíticos em português: duas sincronias em confronto, dissertação de mestrado inédita, Universidade de Lisboa.
- Martins, A. M. (1994) A história dos clíticos em português, tese de doutorado inédita, Lisboa.
- Mattos e Silva, R.V. (1994) “Para uma caracterização do período arcaico do português”, D.E.L.T.A, vol. 10, no especial, pp.247-276.
- Mira Mateus, M. H. et al. (2003) *Gramática da língua portuguesa*, Lisboa: Caminho.
- Moraes de Castilho, Célia (2005) O processo de redobramento sintático no português medieval, a formação das perífrases com estar, tese de doutorado inédita, Unicamp.
- Namiuti, C. (2008) Aspectos da história do português: interpolação, negação e mudança, tese de doutorado inédita, Unicamp.
- Oliveira e Silva, G. M. (1982) Estudo da regularidade na variação dos possessivos no português do Rio de Janeiro, tese de doutorado inédita, UFRJ.
- Paixão de Sousa, M.C (2004) A língua barroca: sintaxe e história do português nos 1600, tese de doutorado inédita, Unicamp.
- Salvi, GP (1991) “La sopravvivenza della legge di Wackernagel nei dialetti occidentali della penisola iberica”, *Medioevo Romano* 15, pp.177-210.
- Teyssier, P. (1981) Le système des déictiques spatiaux en portugais aux XIVe, XVe et XVIe siècles, *Cahiers de Linguistique hispanique médiévale* 6, pp. 5-39.

Torres Moraes, M.A (1995) Do português clássico ao português europeu, um estudo diacrônico da cliticização e do movimento do verbo, tese de doutorado inédita, Unicamp.

Obras analisadas:

Barros, João de. *Obra pedagógica*, edição de Maria Leonor Carvalhão Buescu, Lisboa, 1971. (disponível em <http://www.ime.usp.br/~tycho/corpus>)

D. João III. *Cartas*, edição de J.D.M. Ford, Harvard University Press, 1931. (disponível em <http://www.ime.usp.br/~tycho/corpus>)

Gândavo, Pero Magalhães de. *História da Província de Sancta Cruz a que vulgarmente chamamos Brazil*. (disponível em <http://www.ime.usp.br/~tycho/corpus>)

Holanda, Francisco de *Da pintura antiga*, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1984. (disponível em <http://www.ime.usp.br/~tycho/corpus>)

Mendes Pinto, Fernão *Perigração*, transcrição de Adolfo Casais Monteiro, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1984. (disponível em <http://www.ime.usp.br/~tycho/corpus>)

Oliveira, Fernão de. *Grammatica da lingoagem portuguesa*, edição crítica, semidiplomática e anastática por Amadeu Torres e Carlos Assunção, Centro de Estudos em Letras, Universidade de Trás-os-montes e Alto-Douro, Vila Real, 2007.